

PROPOSTAS DE TRABALHO

Entrega pelo *moodle*

Proposta 1: Filologia e Crítica Textual

Tradição manuscrita ou impressa, o confronto entre testemunhos de uma obra é uma das etapas mais importantes para constatar se estamos lidando com um texto genuíno. Para tanto, a Crítica Textual possui princípios capazes de realizar essa operação e de restituir o texto à forma mais próxima da última vontade do autor. Esse procedimento exige a recensão de todos os testemunhos de determinada obra, ou seja, a sua tradição direta, e outros tipos de texto que estejam relacionados a ela, como traduções, citações, entre outros, isto é, a sua tradição indireta. Após essa etapa, elege-se um testemunho de base e compara-se o material em busca de pontos que apresentam divergências. Nesse contexto, já é possível determinar o grau de relação entre eles, verificar como se deu o seu processo de transmissão e qual o caminho a ser percorrido para reconstituir o texto à sua forma genuína. Como diz Cambraia (2005, p. 135), “terminadas a localização e a coleta das fontes, pode-se passar a uma subfase bastante árdua: a da colação (lat. *collatio*), etapa em que se comparam os diversos testemunhos de um texto para se localizarem lugares-críticos”, pontos do texto em que há divergência.

Coloque-se no papel de filólogo, escolha uma obra de autor nacional e faça um exercício de Crítica Textual, tendo como limite as etapas de *recensão* e *colação*. Classifique os resultados variantes de acordo com a tipologia proposta por Blecua (1983) e apresente-os.

Proposta 2: Filologia e Linguística Histórica

Todo manuscrito põe diante dos olhos do leitor um conjunto de características que revelam o nível de conhecimento da língua utilizada por quem o produziu, o que está intrinsecamente associado ao grau de domínio do ato de escrever nessa língua. A esse conjunto, concisa expressão latina, com muita precisão, designa como *usus scribendi*. Dita em português “modo de escrever” ou “hábitos de escrita” prevalece o aspecto externo da escrita, a letra, sua apresentação, seu grau de legibilidade, se quem a produziu tem costume de escrever, se escreve por profissão, ou se seu manuscrito é eventual. Esta reflexão se faz sobre o *usus scribendi* no sentido latino, enquanto exame do fluxo da escrita como resultado do ato físico de escrever o qual, por sua vez, revela o grau de domínio da língua em que se escreve, as preferências estilísticas do escriba, além, obviamente, do nível de conhecimento da matéria de que trata o texto. (MEGALE *et al*, 2007, p. 128)

Coloque-se no papel de filólogo, escolha um manuscrito e realize um trabalho filológico, tendo como base dados concretos de uso da língua do documento escolhido. Primeiro faça a edição semidiplomática do manuscrito, depois o levantamento e o comentário de dados linguísticos que revelam o nível de conhecimento da língua utilizada por quem o produziu, como ocorrências variantes, fenômenos que se destacam e/ou se distanciam do português atual, etc. Finalmente, apresente o resultado.

Sites:

<http://acervo.redememoria.bn.br/redeMemoria/handle/123456789/5646>

<http://antt.dglab.gov.pt/>

<http://www.ieb.usp.br/>

<http://www.brasiliana.usp.br/>

Bibliografia básica (deve-se enriquecer o trabalho com outras obras)

BLECUA, A. **Manual de crítica textual**. Madrid: Castalia, 1983.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FACHIN, P. R. M.; FORSTER, L. G.; LIMA, L. W. N.; Moreira, C. P.; NARDI, L.. **O texto que se lê de autores nacionais**. Filologia e Lingüística Portuguesa, v. 12, p. 105-123, 2010.

MARQUILHAS, R. **"Eu ainda sou vivo". Sobre a edição e análise linguística de cartas de gente vulgar**", *Estudos de Lingüística Galega*. 2009, 2009, p. 47-65.

MEGALE, H.; TOLEDO NETTO, S. A.; FACHIN, P. R. M.; Monte, V. M. **Crítica Textual: análise grafemática e pesquisa lingüística**. Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, v. 1, 2007, p. 127-146.

Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil.

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas nas abreviaturas, obedecendo aos seguintes critérios:
 - a. respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência "munto", que leva a abreviatura "m.^{to}" a ser transcrita "munto";
 - b. no caso de variação no próprio manuscrito ou em coetâneos, a opção será a forma atual ou a mais próxima da atual, como no caso de ocorrências "Deos" e "Deus", que levam a abreviatura "D.^o" a ser transcrita "Deus".
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver.
Exemplos: "epor ser" ; "aellas"; "daPiedade"; "ominino"; "dosertaõ", "mostrandoselhe"; "achandose"; "sesegue".
4. A pontuação original será rigorosamente mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba, será marca-do [espaço]. Exemplo: "que podem prejudicar [espaço] Osdias passãõ eninguem comparece".
5. A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração. Exemplos: "aRepublica"; docomercio ; "edemarcando tambem lugar" ; "Rey D. Jose" ; oRio Pirahý ; "oexercicio; "que hé munto conveniente".
6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será con-siderada relevante. Assim, a comparação do traçado da mes-ma letra deve propiciar a melhor solução.
7. Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção. Exemplo: "nota 1. Pirassocunda por Pirassonunga; "nota 2. deligoncia por deligencia"; "nota 3. adverdinto por advertindo".
8. Inserções do escriba ou do copista na entrelinha ou nas mar-gens superior, laterais ou inferior entrarão na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: <fica definido que olugar convencionado é acasa depedro nolargo damatriz>.
9. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas. Exemplo: todos ~~ninguem~~

- dos presentes assignaron"; "sahiram ~~sahiram~~ aspressas para oadro". No caso de repetição que o escriba ou o copista não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos. Exemplo: "fugi[[gi]]ram correndo [[correndo]] em direção opaço".
10. Intervenções de terceiros no documento original devem aparecer no final do documento informando-se a localização.
 11. Intervenções do editor não devem ser raras, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem a dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes. Exemplo: "não deixe passar neste [registo] de Areas".
 12. Letra ou palavra não legível por deterioração justificam intervenção do editor na forma do item anterior, com a indicação entre colchetes: [ilegível].
 13. Trecho de maior extensão não legível por deterioração receberá a indicação [corroídas ± 5 linhas]. Se for o caso de trecho riscado ou inteiramente anulado por borrão ou papel colado em cima, será registrada a informação pertinente entre colchetes e sublinhada.
 14. A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical: | entre as linhas. A mudança de fôlio receberá a marcação com o respectivo número na sequência de duas barras verticais: || 1v. || 2r. || 2v. || 3r. ||.
 15. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita de maneira contínua por documento.
 16. As assinaturas simples ou as rubricas serão sublinhadas. Os sinais públicos serão indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples: Bernardo Jose de Lorena; sinal público: [Bernardo Jose de Lorena].